

## Discussão

As onze crianças (oito meninos e três meninas), cujas histórias foram resumidamente apresentadas oferecem, como era de se esperar, diferenças individuais no grau de seus distúrbios, nas manifestações de características específicas, na constelação familiar e sua evolução em passo a passo ao longo dos anos. Mas mesmo um retrospecto rápido do material produz a emergência de diversas características comuns essenciais que se mostram inevitáveis. Estas características formam uma "síndrome" única, não descrita anteriormente, que parece ser bastante rara, no entanto é provavelmente mais freqüente do que a indicada pela escassez dos casos observados. É absolutamente possível que um certo número de crianças semelhantes tenham sido consideradas como débeis mentais ou esquizofrênicas. Na verdade, várias crianças do nosso grupo nos foram apresentadas como idiotas ou imbecis; uma delas ainda vive em uma escola estadual para débeis mentais, e duas foram consideradas anteriormente como esquizofrênicas.

O distúrbio mais surpreendente, "patognômico" e fundamental destas crianças é a incapacidade de se relacionar da maneira usual com pessoas e situações desde o início da vida. Seus pais referem-se a elas como sendo sempre "auto-suficientes"; "como uma concha"; "mais feliz quando deixada só"; "agindo como se as pessoas não estivessem lá"; "totalmente alheio de tudo que o rodeia"; "dando a impressão de uma sabedoria silenciosa"; "fracassando em desenvolver o grau usual de consciência social"; "agindo quase como se estivesse hipnotizado". Isto não é, como nas crianças e adultos esquizofrênicos, de uma retirada de um relacionamento inicial presente; não é um "retraimento" de uma participação preexistente. Existe, desde o início, um isolamento autístico que, sempre que possível, desconsidera, ignora, impede a entrada de tudo que chegue à criança do exterior. Um contato físico direto ou tal movimento ou ruído que ameçam interromper o isolamento são também tratados "como se não estivessem lá"; ou, se isto não for mais suficiente, são dolorosamente sentidos como intrusões desoladoras.

Segundo Gesell, uma criança normal aos 4 meses adota uma atitude motora antecipatória através da tensão facial e encolhendo os ombros quando levantada e colocada sobre uma mesa. Gesell comentou:

É possível que o esboço desta atitude e ajustamento possa ser reencontrado no período neonatal. Apesar de um hábito ter que ser condicionado pela experiência, o momento desta experiência é praticamente universal e a resposta é suficientemente objetiva para merecer observação e registro adicionais.

Esta experiência universal é fornecida pela freqüência com que um lactente é segurado no colo por sua mãe ou outras pessoas. É, portanto, extremamente significativo que quase todas as mães dos nossos pacientes recordavam-se de sua perplexidade ante o fracasso de seu filho a todo o momento em assumir uma postura antecipatória preparatória antes de ser levado ao colo. Um pai lembrou-se que sua filha (Barbara) durante anos não mudou de maneira alguma sua fisionomia ou posição quando os pais, voltando para casa após algumas horas de ausência, se aproximavam de sua cama falando com ela e se preparando para pegá-la.

O lactente normal aprende durante seus primeiros meses a ajustar seu corpo à postura da pessoa que o segura. Nossas crianças não eram capazes de fazê-lo durante dois ou três anos. Tivemos a oportunidade de observar Herbert, na época aos 38 meses, em tal situação. A mãe disse-lhe com uma forma de falar condizente que ela iria pegá-lo, estendendo os braços para ele. Não houve resposta alguma. Ela o tomou em seus braços e ele permitiu que ela o fizesse, permanecendo completamente passivo como se fosse um saco de farinha. Era a mãe que tinha que fazer todo o trabalho de ajuste. Nesta época Herbert era capaz de sentar, ficar de pé e andar.

Oito das onze crianças adquiriram a capacidade de falar tanto na idade esperada quanto com algum atraso. Três delas (Richard, Herbert e Virginia) continuaram até agora "mudas". Durante anos, para nenhuma das oito crianças "falantes" a linguagem servia para transmitir mensagens aos outros. Com exceção de John F., todos eram capazes de articulação e fonação claros. Nomear objetos não apresentava dificuldade alguma; mesmo palavras longas e raras eram aprendidas e retidas com uma facilidade extraordinária. Quase todos os pais relataram, usualmente com muito orgulho, que os filhos aprenderam de forma muito precoce a repetir um número fora do comum de parlendas infantis, orações, listas de animais, a relação dos presidentes, o alfabeto na ordem direta e inversa, e mesmo canções de ninar em língua estrangeira (em francês). Com exceção das declamações de frases contidas em poemas prontos ou outras obras aprendidos de cor, foi necessário um longo tempo até que elas comesçassem a juntar as palavras. Além disto, a "linguagem" era consistida essencialmente por "nomeações", de substantivos identificando objetos, adjetivos indicando cores, e números indicando nada de específico.

Sua excelente memória de rotina, associada à sua inabilidade em usar a linguagem de uma outra maneira, com freqüência induziram os pais a "entupi-los" cada vez mais com poesia, nomes zoológicos e botânicos, títulos e nomes compositores de compositores das capas de discos e outras coisas semelhantes. Desta forma, desde o início, a linguagem "que as crianças não usavam com a intenção comunicativa" foi consideravelmente desviada para se tornar num exercício de memória auto-suficiente, sem nenhum valor semântico nem conversacional ou totalmente distorcido. Para uma criança de 2 ou 3 anos de idade, todas estas palavras, números e poemas ("perguntas e respostas do catecismo Presbiteriano"; "o concerto de violino de Mendelssohn"; "o Salmo Trigesimo Terceiro"; "uma canção de ninar em francês?"; "a página de índice de uma

enciclopédia?) dificilmente poderiam fazer mais sentido do que uma série de sílabas absurdamente sem sentido para os adultos. É difícil de saber ao certo se toda esta sobrecarga, enquanto tal, desempenhou um papel essencial para o percurso de seu estado psicopatológico. Mas também é difícil imaginar que não tenha reduzido o desenvolvimento da linguagem enquanto instrumento para receber ou enviar mensagens significativas.

No que se refere às funções de comunicação da fala, não existe diferença fundamental entre as oito crianças ?falantes? e as três ?mudas?. Certa vez a babá de Richard escutou-o por acaso dizer claramente ?Boa noite?. O ceticismo em relação a esta observação dissipou-se quando esta criança ?muda? foi vista no consultório formando com os lábios palavras repetidas silenciosamente, quando lhe foi pedido que dissesse algumas coisas. Virginia, a ?muda? ? conforme insistiam seu colegas de quarto ? foi ouvida repetidas vezes dizendo, ?Chocolate?; ?Marshmallow?; ?Mamãe?; ?Bebê?.

Quando as sentenças são finalmente formadas, permanecem durante um longo tempo predominantemente como combinações de palavras ouvidas repetidas como um papagaio. Às vezes são imediatamente ecoadas imediatamente, mas são também com a mesma frequência ?armazenadas? pela criança e proferidas posteriormente. Pode-se, se alguém quiser, falar de ecolalia tardia. Uma afirmação é indicada pela repetição literal de uma pergunta. O ?Sim? é um conceito que estas crianças demoram muitos anos para adquirir. Elas são incapazes de usá-lo como um conceito de assentimento. Donald aprendeu a dizer ?Sim? quando seu pai lhe disse que o colocaria sobre os ombros se ele dissesse ?Sim?. Esta palavra então veio a ?significar? somente o desejo de ser colocado sobre os ombros de seu pai. Foram necessários muitos meses antes que ele conseguisse separar a palavra ?sim? desta situação específica, e mais tempo ainda antes que ele pudesse usá-la como termo geral de afirmação.

O mesmo tipo de literalidade também existe em relação às preposições. Quando foi perguntado a Alfred, ?Sobre o que é esta figura??, ele respondeu: ?Pessoas estão se movendo sobre ?.

John F. corrigiu a afirmação do pai sobre os quadros na parede: os quadros estavam ?perto da parede?. Donald T. quando foi pedido que largasse um objeto, colocou-o prontamente no chão. Aparentemente os sentidos da palavra se torna inflexível e não pode ser usado senão com a conotação adquirida originalmente.

Não há dificuldade com os plurais e conjugações. Entretanto, a ausência de formação espontânea de frases e a reprodução tipo ecológica têm, em cada uma das crianças ?falantes?, causado um fenômeno gramatical peculiar. Os pronomes pessoais são repetidos exatamente como são ouvidos, sem nenhuma mudança para adaptar-se à nova situação. A criança, a quem a mãe disse uma vez, ?Agora eu vou te dar leite?, expressa seu desejo por leite exatamente com as mesmas palavras. Conseqüentemente, ela passa a falar de si mesma sempre como ?Você? e da pessoa a quem se endereça como ?Eu?. Não apenas as palavras são retidas, mas também até mesmo a entonação. Se a observação inicial da mãe foi formulada em forma de pergunta, ela é reproduzida sob a forma gramatical e com a inflexão de uma pergunta. A repetição de ?Você está pronto para a sobremesa??, significa que a criança está pronta para receber sua sobremesa. Existe uma série de frases ?que não podem ser mudadas? para cada situação específica. A fixação pronominal permanece até por volta dos seis anos de idade, quando a criança aprende gradualmente a falar de si mesma na primeira pessoa, e ao indivíduo endereçado na segunda pessoa. Durante um período transitório, ela vezes aparece ainda retrocede para a forma anterior ou às vezes refere-se a si mesma em terceira pessoa.

O fato de estas crianças ecoarem as coisas que ouviram não significa que ?prestem atenção? quando se fala com elas. São, com frequência, necessárias várias reiterações de uma pergunta ou comando antes de se conseguir até mesmo uma resposta em eco. É por isto que nada menos que sete crianças foram consideradas surdas ou com dificuldades de audição. Há nelas uma necessidade toda poderosa de serem deixadas imperturbadas. Tudo que é trazido de fora para a criança, tudo que altera seu meio externo e mesmo interno representa uma intrusão pavorosa.

A comida é a primeira intrusão trazida para a criança do exterior. David Levy observou que crianças com ?fome de afeto?, quando colocadas em lares adotivos onde são bem tratadas, no início demandam quantidades excessivas de alimento. Hilde Bruch, em seus estudos sobre crianças obesas, descobriu que a super alimentação com frequência acontecia quando as ofertas afetivas por parte dos pais estavam ausentes ou consideradas insatisfatórias. Nossos pacientes, ao contrário, ansiavam por manter o mundo exterior à distância, indicavam este anseio pela recusa de comida. Donald, Paul (?vomitem muito durante o primeiro ano de vida?), Barbara (?teve que se alimentada por sonda até um ano de idade?), Herbert, Alfred e John apresentaram graves dificuldades de alimentação desde o início de suas vidas. A maioria deles, depois de uma luta infrutífera, finalmente abandonou a luta e, de uma hora para outra, começaram a comer satisfatoriamente.

Outra intrusão se origina dos ruídos fortes e de objetos em movimento, que provocam uma reação de horror. Triciclos, balanças, elevadores, aspiradores de pó, queimadores de gás, brinquedos mecânicos, batedeiras elétricas e até mesmo o vento puderam em certas ocasiões, desencadear grandes crises de pânico. Uma das crianças tinha medo até de chegar perto do armário onde estava guardado o aspirador de pó. As injeções e exames com o uso de estetoscópio ou otoscópio geravam crises emocionais graves. Apesar disto, não é o barulho em si ou o movimento que é temido. A perturbação oriunda de um ruído ou movimento que se intrometem, ou ameaçam intrometer-se no isolamento da criança. A própria criança pode desejar muito e alegremente fazer ruídos tão fortes quanto os que ela teme e mover objetos de lá para cá. Mas os ruídos e os movimentos e todas suas ações são repetições tão monótonas quanto suas falas. Existe

uma limitação marcante na variedade de suas atividades espontâneas. O comportamento da criança é regido por um desejo ansiosamente obsessivo pela manutenção da mesmice que ninguém, a não ser a própria criança, pode, em raras ocasiões, interromper. Mudanças de rotina, de disposição dos móveis, de padrão, da ordem pela qual as ações do cotidiano são realizadas, podem levá-la ao desespero. Quando os pais de John estavam prontos para mudar para a nova casa, a criança ficou fora de si quando viu os homens da mudança enrolar o tapete em seu quarto. Ele ficou extremamente perturbado até o momento em que, já na nova casa, viu seus móveis arrumados da mesma maneira que antes. Ele parecia contente, repentinamente toda ansiedade tinha desaparecido, e começou a dar voltas pelo quarto afagando afetivamente cada móvel. Uma vez que blocos, contas, bastões fossem arranjados de uma certa forma, são sempre reagrupados exatamente da mesma maneira, mesmo que não houvesse um modelo definitivo. A memória destas crianças a neste campo era fenomenal. Após um intervalo de vários dias, uma multiplicidade de blocos podia ser reagrupada exatamente no mesmo padrão não organizado, com a com a mesma face colorida de bloco virada para cima, cada figura ou letra da face superior orientadas na mesma direção de antes. A ausência de um bloco ou presença de um bloco a mais era imediatamente percebida, e havia uma demanda imperativa para a reposição da peça que faltava. Se alguém removia um bloco, a criança lutava para tê-lo de volta, tendo uma crise de pânico até recuperá-la, em seguida, prontamente, com uma súbita calma depois da tempestade, retornava ao modelo e recolocava o bloco.

Esta insistência na mesmice levou várias crianças a ficar extremamente perturbadas à visão de qualquer coisa quebrada ou incompleta. Uma grande parte do dia era gasta na demanda não só da mesmice das palavras de um pedido, como também a mesmice na seqüência de eventos. Donald não saía da cama após a soneca da tarde enquanto não dissesse. ?Boo, diga ?Don, você quer descer???, e que sua mãe concordasse. Mas isto não era tudo. A ação ainda não era considerada completa. Donald continuava, ?Agora diga ?Tudo bem??. A mãe tinha que concordar outra vez, ou haveria gritaria até que o roteiro fosse cumprido. Todo este ritual era uma parte indispensável do ato de se levantar após a soneca da tarde. Qualquer outra atividade deveria ser realizada do começo ao fim, da maneira em que foi originalmente iniciada. Era impossível voltar de um passeio sem ter percorrido o mesmo caminho que foi percorrido na ida. Charles, em seu passeio normal de todo dia, ficou tão preocupado ao ver quebrada uma barra transversal da porta de uma garagem, que ficou o tempo falando e perguntando sem parar sobre isto, mesmo quando passou alguns dias numa cidade distante. Uma das crianças reparou uma rachadura no teto do consultório e não parou de perguntar ansiosamente e repetidamente quem tinha feito a rachadura o teto, não se acalmando com nenhuma resposta que fosse dada. Outra criança, vendo uma boneca com um chapéu e outra sem, não pode ser acalmada enquanto o outro chapéu não foi encontrado e colocado na cabeça da boneca. Ela então perdeu imediatamente o interesse pelas duas bonecas; a mesmice e a inteireza haviam sido restabelecidas, e tudo estava bem outra vez.

O pavor da mudança e do incompleto parece ser um fator essencial na explicação da repetição monótona e da resultante limitação na variedade de atividade espontânea. Uma situação, uma ação, uma frase não são consideradas completas se não são realizadas exatamente com os mesmos elementos que estavam presentes no momento em que a criança se confrontou com eles pela primeira vez. Se um elemento mínimo é alterado ou removido, a situação inteira não é mais a mesma e conseqüentemente não é aceita como tal, ou é sentida com mágoa e impaciência ou até mesmo com uma reação de profunda frustração. A incapacidade de apreender a globalidade, sem prestar plena atenção às partes constitutivas, evoca um pouco a condição destas crianças que, tendo com deficiência específica em leitura, não respondem ao método moderno global de ensino de leitura, e devem aprender a construir as palavras a partir de seus elementos alfabéticos. Este é, talvez, um dos motivos pelos quais as crianças do nosso grupo que tinham idade suficiente para aprender a ler tornaram-se, imediatamente e excessivamente, preocupadas com como as palavras eram soletradas ou por que Donald, por exemplo, ficava tão perturbado pelo fato de ?light? e ?bite?, tendo a mesma qualidade fonética, deveriam ser soletrados de forma diferente.

Os objetos que não mudam nem a aparência e posição, que conservam sua identidade e não ameaçam interferir no isolamento da criança, são prontamente aceitos pela criança autista. Ela tem uma boa relação com os objetos; interessa-se por eles, pode passar horas brincando alegremente com eles. Pode ser extremamente afeiçoada a eles ou ficar com raiva deles, por exemplo, se não consegue fazê-los se ajustar em um determinado lugar. Quando está com eles experimenta uma sensação incontestável de poder e controle. Donald e Charles começaram no segundo ano de vida a exercitar este poder, fazer girar qualquer objeto passível de ser girado e saltando no mesmo lugar com os pés juntos, em êxtase enquanto olhavam os objetos rodopiarem por todos os lados. Frederick ?saltava no mesmo lugar em júbilo? quando jogava a bola no boliche e via as garrafas cair. Estas crianças experimentavam e exercitavam o mesmo poder sobre seus próprios corpos, girando ou fazendo outros movimentos rítmicos. Estas ações e o ardor extasiante que as acompanhava indicavam claramente a presença de uma gratificação orgástica masturbatória.

A relação com as pessoas destas crianças era completamente diferente. Cada uma das crianças, quando entravam no consultório, corria atrás de blocos, brinquedos ou outros objetos, sem prestar a mínima atenção às pessoas presentes. Seria falso dizer que não estavam cientes da presença das pessoas. Entretanto, as pessoas, enquanto deixavam a criança sozinha, representavam para elas a mesma coisa que a escrivaninha, a estante de livros ou o arquivo. Quando a criança era abordada, não se incomodava. Ela tinha escolha entre não responder de maneira alguma, ou se a pergunta era repetida com muita insistência, ?recuperar-se? dela e continuar com o que quer que seja que estivessem fazendo. As idas e vindas, mesmo da mãe, pareciam não ser registradas. As conversas mantidas na sala não eliciavam interesse algum. Se os adultos não tentassem

entrar no domínio da criança, ela poderia às vezes, ao se deslocar entre eles, tocar delicadamente uma mão ou um joelho, da mesma forma que em outros momentos afagava uma escrivainha ou o divã. Mas nunca olhava ninguém no rosto. Se um adulto intrometia-se à força retirando um bloco ou colocando o pé sobre um objeto que a criança precisava, ela lutava e ficava zangada com a mão ou o pé, que eram tratados per se e não como partes de uma pessoa. Nunca dirigia uma palavra, nem lançava um olharão dono da mão ou do pé. Quando o objeto era recuperado, o humor da criança mudava abruptamente para a placidez. Quando espetados, demonstrava medo do alfinete, mas não da pessoa que o havia espetado.

A relação com os membros da família e com outras crianças não era diferente das que eram estabelecidas com as pessoas no consultório. Um isolamento profundo domina todo o comportamento. O pai ou a mãe ou ambos podiam ficar fora de casa por uma hora ou um mês; ao voltarem para casa, nada indicava que a criança estivesse até mesmo cônica de sua ausência. Após vários acessos de frustraão, ela aprende gradualmente e a relutantemente a fazer concessões quando não encontra nenhuma saída, obedece a determinadas ordens, cumpre as atividades da rotina diária, mas sempre insiste na estrita observância de seus rituais. Quando está em sociedade, desloca-se entre as pessoas como um estranho ou, como disse uma mãe: como um potro que foi solto da baía?. Em companhia de outras crianças, ela não brinca com elas. Brinca sozinha enquanto elas estão ao seu redor, sem manter nenhum contato corporal, fisionômico ou verbal com elas. Não participa de jogos competitivos. Ela simplesmente está ali, e às vezes acontece dela vaguear na periferia do grupo, logo se retira e fica sozinha. Ao mesmo tempo, familiariza-se rapidamente com os nomes de todas as crianças do grupo, pode saber a cor do cabelo de cada criança e outros detalhes.

Existe uma relação muito melhor com as fotos das pessoas do que com as próprias pessoas. As fotos, no final das contas, não podem perturbar. Charles tinha um interesse muito afetuoso pela fotografia de uma criança de uma propaganda de revista. Fazia, sem parar, comentários sobre a graça e a beleza desta criança. Elaine era fascinada por figuras de animais, mas não conseguia chegar perto de um animal vivo. John não fazia distinção entre pessoas reais e a representação delas. Quando viu a foto de um grupo, perguntou com toda a seriedade quando as pessoas iriam sair da foto para entrar na sala.

Mesmo que a maioria destas crianças tenha sido considerada, em um momento ou outro, como débeis mentais, todas são inquestionavelmente dotadas de boas potencialidades cognitivas. Todas têm fisionomias admiravelmente inteligentes. Seus rostos dão, ao mesmo tempo, a impressão de muita gravidade, e, na presença de outros, uma tensão ansiosa, provavelmente por causa da alarmante antecipação de uma possível interferência. Quando deixados a sós com objetos, habitualmente ostentam um sorriso sereno e uma expressão de beatitude, às vezes acompanhados por um alegre, apesar de monótono, sussurrar e cantarolar. O vocabulário espantoso das crianças que falavam, a excelente memória para eventos ocorridos há vários anos, a memória de rotina para poemas e nomes e a recordação precisa de modelos e seqüências complexas, testemunhavam boa inteligência no sentido em que este termo é comumente usado. O teste de Binet ou outros similares não podiam ser administrados por causa da acessibilidade restrita. Entretanto todas as crianças fizeram bem a tábua de Seguin.

Fisicamente as crianças eram essencialmente normais. Cinco delas tinham a cabeça relativamente grande. Várias eram um pouco desajeitadas ao andar e nas atividades motoras amplas, mas todas eram muito hábeis em termos de coordenação muscular refinada. Todos os eletroencefalogramas eram normais em todos os casos, exceto o de John, cuja fontanela anterior não se fechou até os 2 anos e meio de idade, e que aos 5 anos e meio teve de séries de convulsões predominantemente no hemisfério direito. Frederick tinha um mamilo supernumerário sob a axila esquerda; não havia outras instâncias de anomalias congênitas.

Existe um outro denominador comum muito interessante nos antecedentes destas crianças. Todas elas vêm de famílias altamente inteligentes. Quatro pais são psiquiatras, um é um brilhante advogado, um farmacêutico e graduado em direito empregado no Ministério de governamental de Patentes, um botânico especializado em florestas, um redator publicitário que tinha graduação em direito e estudou em três universidades, um é um engenheiro de minas, e um homem de negócios bem sucedido. Nove das onze mães são graduadas em uma universidade. Das duas mães que cursaram apenas o ensino secundário, uma era secretária em um laboratório de patologia, e a outra dirigia uma agência de venda de entradas para teatro em Nova Iorque antes de se casar. Entre as outras mães, havia uma escritora independente, uma médica, uma psicóloga, uma enfermeira graduada; e a mãe de Frederick foi sucessivamente agente imobiliário, diretora do curso de secretariado em uma escola de moças e professora de história. Entre os avós e colaterais encontram-se vários médicos, cientistas, escritores, jornalistas e estudantes de letras. Todas estas famílias, com exceção de três, estão representadas ou no Who is who in América, ou no American Men of Science, ou em ambos.

Dois crianças são judias, todas as outras são de descendência anglo-saxã. Três delas são filhos únicos?, cinco são os primogênitos de dois filhos em suas respectivas famílias, um é o mais velho de três filhos, um é o mais novo de dois, e outro é o mais novo de três.

Tradução e Revisão: Marialice de Castro Vatauk

## Comentário

A combinação de um autismo extremo, obsessividade, estereotipia e ecolalia produzem um quadro completo que tem relação com alguns dos fenômenos esquizofrênicos fundamentais. Para algumas destas crianças foram, em um momento ou outro, foi dado este diagnóstico. Mas, apesar das similaridades notáveis, este estado difere em muitos aspectos de todas as outras formas de esquizofrenia da infância.

Em primeiro lugar, mesmos nos casos conhecidos mais precoces de início de esquizofrenia, incluindo a demência precocíssima de De Sanctis e a demência infantil de Heller, as primeiras manifestações observáveis foram precedidas por pelo menos dois anos de desenvolvimento essencialmente na média; e os históricos enfatizam especificamente uma mudança mais ou menos gradual do comportamento do paciente. Todas as crianças do nosso grupo mostraram um isolamento extremo desde do início da vida, não reagindo a nada que chegasse a elas vindo do mundo exterior. Isto é expresso da forma mais característica no relato recorrente de fracasso da criança em assumir uma atitude antecipatória antes de ser carregada, e um fracasso em ajustar o próprio corpo ao corpo da pessoa que a segura nos braços.

Em segundo lugar, nossas crianças são capazes de estabelecer e manter uma excelente relação, intencional e ?inteligente? com objetos que não ameaçam interferir no seu isolamento, mas, ficam, desde o início, tensas e ansiosamente impenetráveis ante as pessoas, com as quais, por um longo tempo, não tem nenhum tipo de contato afetivo direto. Se for inevitável relacionar-se com uma pessoa, então é estabelecida uma relação temporária com a mãe da pessoa ou o pé como objetos absolutamente separados, mas não com a própria pessoa.

Todas as atividades e falas das crianças são governadas de forma rígida e consistente pelo desejo muito forte de isolamento e uniformidade. Seu mundo tem que lhes parecer constituído de elementos, que, uma vez experimentados em uma certa combinação ou seqüência, não pode ser tolerados em qualquer outra combinação ou seqüência; assim como não pode ser tolerada a combinação ou seqüência sem todos os ingredientes originais, dispostos em uma ordem espacial ou cronológica idêntica. Daí origina-se a repetição obsessiva. Daí origina-se a reprodução de frases sem alteração dos pronomes para se adaptar à ocasião. Daí talvez provenha o desenvolvimento de uma memória realmente fenomenal que permite à criança recordar e reproduzir modelos complexos e ?sem sentido ?, não importando o quão são desorganizados, exatamente da mesma maneira que foram originalmente construídos.

Cinco das nossas crianças atingiram agora as idades entre 9 e 11 anos. Exceto Virginia S , que foi colocada em uma escola para débeis mentais, todas tiveram uma evolução muito interessante. O desejo básico de isolamento e uniformidade permaneceu essencialmente idêntico, mas houve em graus variados a saída da solidão, de aceitação de pelo menos algumas pessoas na esfera de consideração da criança e um aumento no número de impressões vividas suficiente para refutar a impressão anterior de extrema limitação do conteúdo ideativo da criança. Talvez seja possível afirmar o seguinte: Enquanto o esquizofrênico tenta solucionar seu problema saindo do mundo de que fez parte e com o qual esteve em contato, nossas crianças estabelecem gradualmente o compromisso de estender seus cautelosos tentáculos para um mundo em que desde o início foram totalmente estrangeiros. Entre os 5 e 6 anos de idade, elas abandonam gradualmente a ecolalia e aprendem espontaneamente a usar os pronomes pessoais com as referências adequadas. A linguagem se torna mais comunicativa, no início como exercício de perguntas e respostas, e então no sentido de uma maior espontaneidade na formação de frases. A alimentação é aceita sem dificuldade. Ruídos e movimentos são mais tolerados do que anteriormente. Os acessos de pânico diminuem. O hábito de repetir assume a forma de preocupações obsessivas. O contato com um número limitado de pessoas é estabelecido de uma maneira dupla: as pessoas são incluídas no mundo da criança à medida que satisfazem suas necessidades, respondem às suas perguntas obsessivas, ensinam-lhe a ler e a fazer coisas. Segunda, apesar de continuarem a serem consideradas como estorvos, as crianças respondem às suas perguntas e obedecem a seus comandos a contragosto, com a implicação de que seria melhor se ver livre destas intromissões o mais rápido possível para poder retornar para o isolamento sempre tão desejado. Entre os 6 e 8 anos de idade, as crianças começam a brincar em um grupo, todavia nunca com os outros membros do grupo da brincadeira, mas pelo menos na periferia ao lado do grupo. A leitura é rapidamente adquirida, mas as crianças lêem monotonamente, e uma estória ou um desenho animado são percebidos como partes sem conexão, ao invés de uma totalidade coerente. Tudo isto leva a família a sentir que, apesar de uma ?diferença? reconhecida em relação às outras crianças, há progresso e melhora.

Não é fácil avaliar o fato de que nossos pacientes provenham de pais muito inteligentes. É quase incontestável que existe muita obsessividade nos antecedentes familiares. Os diários e relatórios muito detalhados, bem como a freqüente recordação, vários anos depois, de que as crianças aprenderam a recitar os vinte e cinco perguntas e respostas do Catecismo Presbiteriano, cantar trinta e sete canções de ninar, ou discriminar dezoito sinfonias, fornecem uma ilustração impressionante da obsessividade parental.

Um outro fato se destaca de forma proeminente. Em todo o grupo, existem muito poucos pais e mães realmente calorosos. Na maioria dos casos, os pais, avós e colaterais são pessoas muito preocupadas com abstrações, de caráter científico, literário ou artístico, e limitadas no interesse autêntico por pessoas. Mesmo nos casamentos mais felizes permanecem relações muito frias e formais. Três dos casamentos eram fracassos lamentáveis. A questão que se coloca é saber se, ou até que ponto, este fato contribuiu para a condição das crianças. O isolamento destas crianças desde o princípio de suas vidas torna difícil atribuir todo este quadro exclusivamente ao tipo de relações parentais precoces com nossos pacientes.

Devemos, por conseguinte, assumir que estas crianças vêm ao mundo com a incapacidade inata de estabelecer o contato afetivo com as pessoas, usual, transmitido biologicamente, do mesmo modo que as outras crianças vêm ao mundo com deficiências físicas ou intelectuais. Se esta hipótese está correta, um estudo adicional de nossas crianças pode ajudar a fornecer critérios concretos com respeito a noções ainda difusas sobre as componentes constitucionais da reatividade emocional. Pois aqui parece que temos exemplos ?puros? de distúrbios autísticos inatos do contato afetivo.

Tradução e Revisão: Marialice de Castro Vatauvuk